

## ADAPTAÇÃO, UMA LEITURA POSSÍVEL: ESTUDO DE DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS, DE MONTEIRO LOBATO

(Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado UFMS/CPTL)

Cada indivíduo, cada época recria as obras de arte segundo sistemas de gosto que lhe são próprios e familiares. É graças a essa milagrosa recriação – quer dizer, criação contínua e sempre renovada – que Homero e Cervantes podem ser e são nossos contemporâneos, compondo uma ordem simultânea com todos os outros autores do passado e do presente, embora signifiquem para nós qualquer coisa de bem diverso daquilo que significaram para os homens de seu século.

Sérgio Buarque de Holanda

Este trabalho reporta resumidamente os resultados da pesquisa desenvolvida para o mestrado em letras, que se ocupou da análise da obra *Dom Quixote das Crianças* (1936), de Monteiro Lobato (1882-1948), a partir da identificação dos recursos adaptativos utilizados. Evidencia-se o projeto de adaptação do autor e sua leitura do clássico *Dom Quixote* (1605;1615), de Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616). Operando comparativamente, este estudo desenvolveu-se em três etapas. A primeira delas explora o conceito de adaptação e seu papel na literatura infantil brasileira, a partir de estudos de Lauro Maia Amorim, Regina Zilberman, Marisa Lajolo e Nelly Novaes Coelho. Na segunda, utiliza-se o aporte teórico indicado por Göte Klimberg (apud ZILBERMAN, 1987, p.50), na descrição dos ângulos de adaptação, para identificar as alterações em relação ao texto original. A última parte encerra uma reflexão acerca da apropriação da estrutura narrativa cervantina, por parte de Lobato, além de apontar a preocupação de ambos os autores com a recepção do texto. Estas últimas reflexões resultaram da aproximação dos estudos de Maria Augusta da Costa Vieira e de Socorro Acioli, sobre *Dom Quixote das Crianças*.

Traduzir, adaptar

O conceito de adaptação está diretamente ligado ao campo de estudos da Tradutologia ou Teoria da Tradução e invariavelmente se confunde com o conceito de tradução. Isto porque os pesquisadores do assunto sublinham que a tradução requer, obrigatoriamente, um processo de adaptação. Traduzir um texto de uma língua a outra já é uma interferência ou uma transformação. Tal aproximação justifica a falta de consenso ao se estabelecerem os critérios que definem o que seja tradução ou adaptação, liberdade ou fidelidade, proximidade ou desvio. Estes conceitos são relativizados e as fronteiras conceituais variam de acordo com o tempo e o lugar em que são realizadas as transformações de um texto.

Ainda assim, o termo “adaptação” tende a ser compreendido como o recurso que permite uma série de modificações que geralmente não são as características tradicionais da tradução. Ao adaptador seria concedida maior liberdade, uma vez que há uma tendência a se considerar a adaptação sob o ponto de vista da intenção comunicativa e do destinatário, ao passo que, na tradução, a preocupação maior é com uma linguagem mais objetiva, mais centrada no texto de origem.

Desta polarização surge a noção de que, quando há a impossibilidade de compreensão de um texto, a adaptação se faz necessária e por isso se opera uma adequação: ou do leitor ao texto, ou do texto ao leitor.

Quando se adapta o leitor ao texto, o resultado é uma obra como a que foi preparada para as comemorações do IV Centenário de *Dom Quixote*, em 2005, pela Real Academia Española: uma edição acompanhada de ensaios, prefácio, introdução, glossário e uma infinidade de notas de rodapé explicativas. A intenção é dotar o leitor de um metatexto que o ajudará a compreender uma obra já muito distante no tempo, com linguagem ou referências culturais que não são facilmente compreendidas hoje.

Já a adaptação do texto ao leitor percorre o caminho inverso: o trabalho se concentra sobre o texto, com o objetivo de facilitar a vida do leitor. O original é que sofre adequações, modificações, cortes, supressões e acréscimos, de modo ficar o mais próximo possível do universo do receptor, mobilizando seu conhecimento de mundo, e aproveitando suas características culturais. É o caso dos resumos, das paráfrases, das adaptações para o jovem leitor. É o caso de *Dom Quixote das Crianças*.

As alterações sofridas pelo texto de partida, sobretudo quando se trata de clássicos da literatura, são motivos de calorosa polêmica: o trabalho da adaptação pode ser associado tanto à noção de enriquecimento, quanto à de empobrecimento. Se a obra literária é um todo, conteúdo e forma, que não pode ser decomposta, uma modificação pode destruir a verdade ou autenticidade da criação. Mas algumas obras ultrapassam sua natureza literária e se tornam matéria mítica, conservando a verdade e a autenticidade, não importa de que forma sejam transmitidas ao longo do tempo. Vista por este ângulo, a adaptação pode ser responsável pela ampliação do público leitor e até pela sobrevivência de obras literárias. Nesse sentido é uma leitura possível: é a oportunidade de contato e de valorização de importantes produções culturais da humanidade.

#### Adaptações brasileiras

Esta preocupação com o público receptor é o fio condutor das reflexões sobre a adaptação, mas também foi o ponto de partida para o surgimento de um gênero específico: a literatura dedicada à infância. Uma vez que diminui a distância entre o emissor adulto e o receptor infantil, a adaptação revela-se o recurso que tende a resolver esta assimetria, instalando-se na origem do gênero e, mais ainda, em sua estrutura, uma vez que transparece em todos os elementos dos textos infantis.

Os primeiros textos aos quais as crianças tiveram acesso foram compilações de contos folclóricos, ou clássicos da literatura, em seguida adaptados a este novo público. A preocupação dos adaptadores era adequar o conteúdo, a forma, a linguagem e até o aspecto físico, externo dos livros, tendo em vista pequenos leitores.

No Brasil, o início da produção para a infância foi caracterizado pelo transplante da tradição europeia e pelo aproveitamento de seu acervo, perpetuando-se o recurso da adaptação, principalmente em termos de linguagem, abrisseirando as edições portuguesas. Paralelamente, começaram a surgir alguns textos infantis genuinamente brasileiros.

Depois disso veio Monteiro Lobato, em geral reverenciado por ter criado uma vasta obra dedicada às crianças. Rompeu com os padrões literários europeus, a partir de uma perspectiva distinta da que existia até então, priorizando as necessidades e capacidades das crianças leitoras, consciente da assimetria que marca o gênero.

#### As adaptações lobatianas

O surgimento do projeto lobatiano de literatura infantil se confunde com seu projeto de adaptação. Antes de *Narizinho Arrebitado* (1921), o que inquietava seu autor era o reduzido número de títulos à disposição das crianças. Tomou então as fábulas de La Fontaine e vestiu-as à sua moda, ao sabor de seu capricho, estabelecendo assim os principais critérios para a execução de adaptações.

A necessidade de expansão do acervo viabiliza as adaptações e também as traduções, das quais Lobato foi produtor fecundo, conciliando seus dotes de escritor e de editor, sua veia artística e a vocação empreendedora ou empresarial.

*Dom Quixote das Crianças*, publicado em 1936, é o resultado amadurecido de um projeto literário que começou como projeto editorial, em 1921. A princípio Lobato queria oferecer ao público uma nova versão, atualizada e abrisseirada, da adaptação de Jansen, de 1901, tarefa que ficaria a cargo de seu amigo Rangel.

O projeto inicial foi sendo aperfeiçoado ao longo do tempo, a ponto de resultar um texto híbrido, metade adaptação, metade invenção, já que o texto mescla a narração das aventuras do herói cervantino com fatos ocorridos no Sítio, alternando duas instâncias narrativas.

A utilização deste recurso reforça a hipótese de apropriação do texto clássico, pois relata, numa primeira instância, um episódio vivido no Sítio, envolvendo Dona Benta e seus netos – a leitura e a recepção de *Dom Quixote*. A segunda instância aparece em seguida, com o início dos serões, quando a avó toma a palavra para contar, com suas palavras, a história do cavaleiro.

São dois universos narrativos distintos: o do Sítio e o De La Mancha. O primeiro é o espaço em que se discute sobre a necessidade das adaptações, assim como seus recursos, além de refletir sobre a leitura, o leitor ideal, o papel do adulto na formação de novos leitores. É, por isso, metaleitura e metaadaptação. O

segundo é o espaço da apresentação do clássico, em que se põem em prática aquelas reflexões e se comprovam a validade e viabilidade das alterações impostas ao texto original. Nesta perspectiva, o ambiente e o narrador se revestem de importância.

O Sítio do Picapau Amarelo é um território livre e acolhedor, por onde transitam as mais diversas histórias e personagens. Esse mundo fictício, com sua galeria de personagens, é o palco de uma situação narrativa permanente, permeável ao moderno e ao internacional, sem que se anule a cultura nacional.

Dona Benta, por ser leitora madura e competente, compreende os elementos estruturais básicos das narrativas e por isso domina a arte de contar histórias. Seus serões são a base ficcional para a adaptação de qualquer história. Ao ler para os netos as mais diversas obras, a avó recupera o estatuto oral das narrativas, ao mesmo tempo em que executa um novo método de adaptação, centrado nas necessidades dos receptores.

### *Dom Quixote* adaptado

Depois de tantos rodeios, finalmente chegamos ao que interessa: como essa adaptação foi executada? Para responder a esta pergunta foi fundamental o apoio teórico de Regina Zilberman, que em seu *A Literatura Infantil na Escola*, aponta os quatro ângulos estabelecidos por Göte Klimberg a partir dos quais se efetuam as transformações dos textos ao direcioná-los ao público infantil. As modificações se fazem por meio da adaptação de assunto, forma, estilo e meio.

A adequação do assunto parte do princípio de que se deva cuidar com atenção dos temas, idéias ou problemas apresentados às crianças. Enfim, do que pode e do que não pode ser dito a elas, considerando sua pouca experiência e vivência. Lobato suprimiu as histórias de amor do clássico, as grandes decepções que vão minando os ânimos do cavaleiro. Assuntos como amor, morte, prostituição, sexo, comportamentos agressivos e maldosos, que à época da adaptação eram considerados complexos e distantes do universo das crianças foram simplesmente eliminados.

Em contrapartida, o heroísmo, o humor, o tratamento humanizado da loucura e a busca de ideais como solidariedade e justiça foram apresentados às crianças, realçando a exemplaridade do gênero. Esta postura pode causar estranheza aos leitores hoje, uma vez que as produções contemporâneas não se esquivam de discutir quaisquer temas com naturalidade. Mas no contexto pedagógico, social e cultural em que Lobato e seus textos atuam, a supressão de assuntos polêmicos é perfeitamente compreensível.

A necessidade de se adaptar a forma surge da preocupação de atrair e manter o interesse do leitor e suas expectativas recepcionais. Prioriza-se o enredo linear (ordem direta dos acontecimentos), a intensificação da aventura (ação) e a identificação dos leitores com personagens e situações. Lobato resume drasticamente o clássico, prendendo-se apenas às aventuras mais famosas da dupla cervantina. Suprime as descrições, as digressões e os relatos de novelas ou outros episódios que alongam o original. Além disso, apresenta as aventuras da

dupla respeitando a linearidade temporal. O cômico e o aventureiro prevalecem. Além da diversão, os pequenos ouvintes e leitores da obra se identificam com as personagens e suas peripécias.

É na adaptação do estilo que se evidencia uma das maiores contribuições de Lobato para a literatura infantil que surgia. A linguagem revela o nível de criação artística. O registro, predominantemente coloquial, procura aproximar-se da fala, em conformidade com as inovações modernistas da época. Dona Benta conta a história com palavras suas e estilo transparente, clara de ovo, de fácil compreensão. Uma série de simplificações, de neologismos, de onomatopéias, recupera o prazer de contar e ouvir histórias, sem que haja distinção de grau e qualidade entre ler e ouvir. O texto pretende respeitar o nível cognitivo e a competência lingüística do receptor e em alguns momentos pretende colaborar para seu avanço. São freqüentes as discussões e reflexões a respeito da linguagem entre as próprias personagens.

A adaptação do meio resulta de um novo olhar. O objeto livro também é alvo de reflexão e discussão. Ilustrações, tamanho dos tipos gráficos e peso do livro freqüentemente são temas de diálogos entre personagens. Os dois grandes volumes da tradução dos Viscondes de Castilho e Azevedo também precisam sofrer uma adequação ao serem apresentados às crianças. Pedrinho constrói um suporte para acomodar os livrões. Nós, os leitores da adaptação, manuseamos um volume bem mais acessível.

Vale ressaltar que o próprio texto reserva um espaço para as reflexões acerca da adaptação, o que permite que seja considerado uma metaadaptação, uma adaptação por meio da qual se pode refletir sobre a necessidade, a validade e a viabilidade das alterações que se operam em textos canônicos, com a justificativa de ampliação do público.

Dom Quixote se faz presente em outras obras de Lobato. Em *História do Mundo para Crianças* (1933) e *História das Invenções* (1935), antes da publicação adaptação, encontramos breves comentários a respeito do herói da Mancha, que podem ser interpretados como uma “jogada de marketing”, ou um recurso freqüente de Lobato, que conduz o leitor a outras obras suas através de comentários ou notas de rodapé. Também em *A Chave do Tamanho* (1942) e *Os Doze Trabalhos de Hércules* (1944) o cavaleiro surge em breves comentários.

*Memórias da Emília* (1936) já aponta o caminho da apropriação irreverente, ou do que Marisa Lajolo indicou como “transculturação” engenhosa e criativa, característica da presença de Dom Quixote nos textos de Lobato. Um dos capítulos (o XIII) retoma a personagem clássica e recria o episódio da luta contra os moinhos de vento, ao inseri-la em outro contexto, desta vez moderno, porque se passa em Hollywood na casa de Shirley Temple, e ao mesmo tempo nacional, porque quem participa das ações são Emília e Visconde.

O grau mais elevado desta transculturação ocorre na obra *O Picapau Amarelo* (1939), na qual Dom Quixote e Sancho aparecem tomando café com bolinhos na varanda do Sítio, lutando contra o Quindim ou a Quimera, intimidando o Capitão Gancho. Ao mesmo tempo em que sua essência é preservada, a dupla vive

outras aventuras. Nota-se que as aparições do cavaleiro vão se tornando cada vez mais invenção de Lobato. Num jogo lúdico, o autor articula os mais diversos elementos culturais sem a menor cerimônia, privilegiando a diversão dos leitores, a imaginação e a brincadeira, atitude própria das crianças.

Uma cena merece destaque em *O Picapau Amarelo*. É quando Dom Quixote tem em suas mãos os volumes da tradução dos Viscondes, que Narizinho traz da biblioteca da avó. A cena é idêntica à que ocorre na segunda parte do clássico, quando o herói julga uma edição do falso Quixote numa gráfica de Barcelona. Este é um momento importante de reflexão das personagens da ficção sobre a verdade de sua existência, sobre os limites entre fantasia e realidade.

O cotejo do clássico com sua adaptação revela não só as diferenças, o que foi suprimido, alterado em relação ao original. Revela também algumas semelhanças mais sutis, frutos de uma leitura que apreende sensível e profundamente a riqueza da obra clássica por parte de seu adaptador.

Do mesmo modo que Dom Quixote, as personagens de Lobato também discutem seu estatuto de personagem. Há, na obra de Lobato, o espaço do questionamento, da problematização de temas como leitura, formação de leitores, recepção dos textos. O estudo da Professora Maria Augusta da Costa Vieira, no qual nos apoiamos para melhor compreender a obra de Cervantes, aponta a articulação de quatro níveis narrativos.

O primeiro é nuclear e coordena os demais, uma vez que é a história das andanças de Dom Quixote e Sancho, o que o faz central, respeitador da linearidade temporal. O segundo diz respeito às inúmeras histórias que vão sendo interpostas às aventuras da dupla, porém sem relação direta com o eixo central. Um terceiro nível introduz as representações teatrais e o quarto é aquele que Vieira denomina de nível da auto-referencialidade, responsável por refletir sobre a própria narrativa, criticar outras criações literárias, pensar sobre a leitura, sobre ficção e realidade, utilizando para isso o recurso da metalinguagem.

Em *Dom Quixote das Crianças*, a narração de Dona Benta privilegia o primeiro nível narrativo do clássico, contando só as aventuras da dupla. Mas, quando entra em cena o diálogo entre avó e netos que caracteriza o relato da recepção do clássico por parte das crianças do Sítio, revela-se a assimilação daquele quarto nível narrativo, auto-referencial, auto-reflexivo.

Tomada em conjunto, a obra de Lobato também recorre à utilização de diversos níveis narrativos. A saga do Sítio do Picapau Amarelo tem um núcleo básico de personagens, que vão vivendo diversas aventuras em relativa linearidade temporal. Nestas ocasiões, os meninos agem.

A ficcionalização da situação de leitura, representada pelos serões de Dona Benta, abre espaço para um outro nível narrativo, que permite a entrada de outras histórias e se configura a situação ideal para a adaptação de qualquer obra. São momentos em que os netos de Dona Benta são ouvintes/leitores.

Pouco espaço há em Lobato para o teatro, terceiro nível narrativo do clássico cervantino. Em contrapartida, a todo momento é possível perceber o recurso da auto-referencialidade, que traz para o contexto da obra a questão da

prática da leitura e da prática da adaptação também. O próprio texto pode ser lido como a defesa e a justificativa do recurso da adaptação, assim como da importância da leitura.

As personagens revelam constantemente suas exigências, suas preferências em relação às histórias que ouvem nos serões. São leitores críticos, reveladores da necessidade da adequação ao público. Como Dom Quixote, estão cercadas de livros, agem por causa de suas leituras, modificam-se a partir do que vão assimilando pela leitura. O mundo lido se funde com o mundo vivido.

Para encerrar...

Ao mesmo tempo em que constrói uma imagem bem próxima do original, Lobato não deixa de inscrever seu próprio estilo e revelar uma leitura particular e muito sensível e depois uma reescrita que apresentou a muitos brasileiros o universo cervantino, ainda quando estes leitores não tinham condições de apreciar uma leitura integral do *Dom Quixote de La Mancha*. Mais do que a apresentação do herói às crianças brasileiras, o texto de Lobato se aproxima do clássico pela preocupação com a recepção do texto, o que abre espaço para reflexões acerca da leitura, da leitura dos clássicos, da necessidade de adequação da linguagem e do assunto, do papel do adulto na iniciação dos jovens na leitura

A adaptação de clássicos da literatura mundial, como é o caso de *Dom Quixote das Crianças*, representa a possibilidade de um primeiro contato com textos que fazem parte do acervo mais valorizado, ao qual todos deveriam ter acesso. Por este motivo, pode garantir a aquisição de referências úteis à compreensão de produções culturais contemporâneas, uma vez que os clássicos transcendem o texto de origem e tornam-se um dos elementos constitutivos da cultura, uma imagem independente do texto de origem.

A adaptação também cumpre a função de educar e conquistar novos leitores, ampliando seu número. Revela-se uma das leituras possíveis de uma obra, na medida em que, longe de ser uma simples atualização, deixa transparecer a marca, a leitura do adaptador, que se faz presente no texto como um contador de histórias, como uma Dona Benta.

## BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e Adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

AUBERT, Francis Henrik. *As (in)Fidelidades da Tradução: servidões e autonomia do tradutor*. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

CECCANTINI, J. L. C. T. A Adaptação dos Clássicos. *Jornal Proleitura*, nº 13, Abril, 1997. p. 6-7.

\_\_\_\_\_. (org.) *Leitura e Literatura Infanto-juvenil: Memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2004.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote*. Trad. dos Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. In: *Lingüística e Comunicação*. 5. ed. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 63-72.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Panorama Histórico da Literatura Infanti/Juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LAJOLO, M. Monteiro Lobato y Don Quixote: nuestros caminos de lectura em América.. In: BARCO, Frieda Liliana Morales (org.) *En los colores de la voz. Literatura Infantil e Juvenil em América Latina*. Ciudad de Guatemala: Armar Editores, 2005, p. 11-21.

\_\_\_\_\_. Lobato, um Dom Quixote no caminho da leitura. In: *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005, p. 94-103.

LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

\_\_\_\_\_. *Dom Quixote das Crianças*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.

\_\_\_\_\_. *Obra Infantil Completa*. Edição Centenário. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. *Adaptações de Clássicos Literários Brasileiros: Paráfrases para o jovem leitor*. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, Rio de Janeiro: 2002.

OSIMO, Bruno. *Curso de Tradução*. Trad. Mauro Rubens da Silva e Nadia Fossa. (Parte três – produção). Disponível em [www.logos.it/pls/dictionary/linguistic](http://www.logos.it/pls/dictionary/linguistic) acesso em 24/01/2006 às 14:26h.

VIEIRA, M. A. C. *O Dito pelo Não-dito: paradoxos de Dom Quixote*. São Paulo: EDUSP-Fapesp, 1998. (Ensaio de Cultura, 14).



ZILBERMAN, R.; LAJOLO, M. *Um Brasil para Crianças: para conhecer a Literatura Infantil Brasileira: história, autores e textos*. 4. ed. São Paulo: Global, 1993.

ZILBERMAN, R. *A Literatura Infantil na Escola*. 7. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1987.